

APRESENTAÇÃO

A modernidade filosófica é marcada pela resplandecência fugaz de um ciclo: ciclo da razão. Nesses quase quatrocentos anos que separam Descartes de nossos dias, o pensamento filosófico tomou a razão, talvez, como sua principal questão (meta-questão das *possibilidades e condições para o conhecimento* ou do *ordenamento sistêmico do pensamento*) e ela, nesse período, pôde conhecer tanto seu pleno apogeu, como, em seguida, também uma reiterada investida crítica, que se generalizou até a situação amarga de sua denúncia. Nunca antes de Descartes e Kant se pensara dever promover e se pudera concretizar tão refinadamente a taxonomia da atividade racional; por outro lado, nunca antes, tampouco, se pudera promover com tamanha acuidade seu desmanche. A ponto de que, possivelmente, não se possa indicar o que, a rigor, seria já preferível: insistir no projeto transcendentalista kantiano ou, por outro lado, apontar a barbárie contida na própria racionalidade, como fazem Adorno e Horkheimer. A ponto de não se poder definir qual, afinal, o melhor ou mais pertinente tribunal da razão, se o do século XVIII ou o do século XX...

A história interior desse ciclo, então, mesmo por essa fugacidade, não parece ainda poder ser inteiramente bem dita. Somos ainda seres absolutamente racionais, integrantes de um mesmo projeto moderno e racionalista, devemos permanecer na aposta desse projeto

crescentemente racionalizante? Ou teríamos já adentrado uma condição definitivamente pós-racional, suscitada pela demonstrada incerteza ou insegurança em contarmos com uma razão *não suficiente* e que traz consigo, portanto, a exigência de uma (nova) história que se apresenta por se fazer, fruto de uma razão ou de um pensamento demasiadamente sobre-humanos, que suplantaria e controlaria por fim a razão, que tornaria enfim “racional” a própria razão?

Nesse caso, possivelmente, tal pergunta seja ela própria um equívoco, ou se preste a mal-entendido, pois, na verdade, mesmo a mais exacerbada crítica endereçada à razão não prevê sua supressão, mas a denúncia de seus efeitos e do negativo contido na inevitável situação de sua manutenção. Continuaremos a ser racionais, *hélas...* E repousa aí o trágico de nossa condição. Pois é a vigília da razão, antes que o seu sono, que talvez engendre os mais temíveis monstros. Assim, a crítica da razão assumiria o caráter não propriamente de um nascente irracionalismo, de uma barbárie filosófica niilista, o que seria, de todo modo, ainda uma alternativa, mas o evidenciar do trágico de uma condição incontornável, a de se ser irremediavelmente racional.

No que concerne à atividade pedagógica, os reflexos dessa dupla orientação são evidentes: temos, desde o advento da modernidade, meios incomparáveis e cada vez mais efetivos para alcançar e determinar nosso processo de conhecimento, para compreender o sentido, alcance e escopo de nossa atividade racional, de desvendar os elementos de nossa capacidade cognitiva. Ao mesmo tempo, por outro lado, a crescente concepção tecnicista, a instrumentalização do homem, a racionalização do mundo configurada apenas no seu sentido mais técnico parecem revelar também um embrutecimento, uma nova ignorância, uma barbárie pela razão, a partir dela. O que faz da razão, paradoxalmente, um novo obstáculo à própria racionalidade.

Mas esse paradoxo é na verdade muito difícil de ser desmontado... Ao contrário, ele se desdobra em vários outros. Pois em que medida se poderia ensinar, se não da perspectiva de uma anuência tácita ao acontecimento da razão? Que educação é possível, sem o pressuposto

de uma racionalidade comum? Por outro lado, como pode o ensinar limitar-se a colocar-nos acriticamente na consecução de um projeto, mesmo que seja o da própria razão?

Nos artigos que se seguem, que compõem o dossiê **Razão e crítica da razão: aspectos pedagógicos**, os autores Sidney Reinaldo da Silva, Margarita Sgrò, Fernando Bonadia de Oliveira, André Borges, Dirceu Ribeiro Gama e André Picanço Favacho tentam responder, precisamente, a várias dessas questões e a outras ainda, ligadas igualmente ao tema da razão e de sua crítica, consideradas ambas a partir de suas implicações e perspectivas educacionais. Um mesmo rol de questões parece ao mesmo tempo ligar e separar seus artigos: em que consiste, hoje, a nossa possibilidade racional? Qual legado moderno perduraria até nossos dias, que fundamentos definitivamente racionais legou-nos a modernidade filosófica em caráter irrevogável? Por outro lado, que insuficiências esse mesmo projeto apresenta como seu próprio revés, como contra-efetuação de si mesmo? Ligados e separados em torno a um problema insuperável, a uma questão que não se poderá, talvez, articular: como não sermos mais racionais, como (ou por que) suspender ou ultrapassar a condição específica que nos caracteriza? Por outro lado, como insistir na super-implementação dos desígnios de uma racionalidade que nos afasta do mundo, que nos impõe e sobrepõe brutalmente à natureza e, irracionalmente técnica, nos condena à crescente exclusão de nós mesmos, do mundo, da espiritualidade e mesmo da vida?

Leonardo Maia Bastos Machado
Editor Responsável